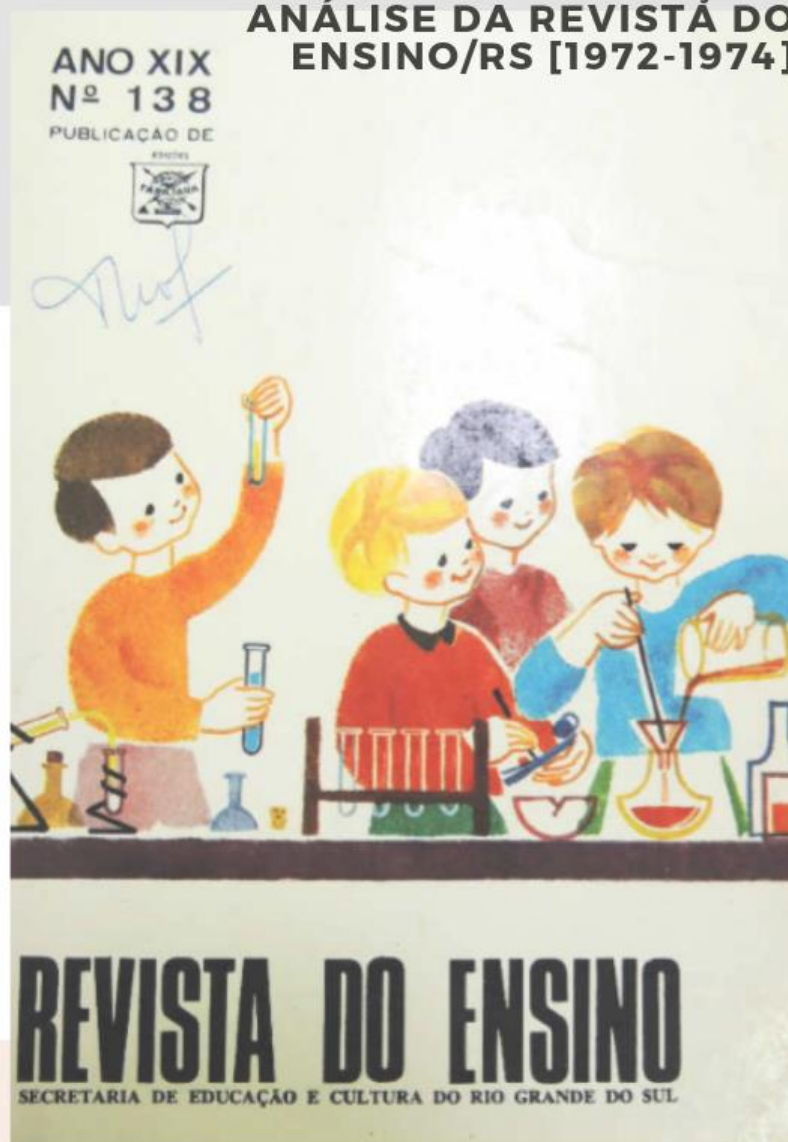


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**O TEXTO LITERÁRIO NA
SALA DE AULA DE
ALFABETIZAÇÃO:
ANÁLISE DA REVISTA DO
ENSINO/RS [1972-1974]**



GREYCE CRISTINA MILIONI
PORTO ALEGRE
2019/1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Greyce Cristina Milioni

**O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA DE ALFABETIZAÇÃO: ANÁLISE DA
REVISTA DO ENSINO/RS [1972-1974]**

Porto alegre

2019/1

Greyce Cristina Milioni

**O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA DE ALFABETIZAÇÃO: ANÁLISE DA
REVISTA DO ENSINO/RS [1972-1974]**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Camini

Porto Alegre

2019/1

Greyce Cristina Milioni

**O TEXTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA DE ALFABETIZAÇÃO: ANÁLISE DA
REVISTA DO ENSINO/RS [1972-1974]**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Camini

Aprovada em ____ de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Camini - FACED/UFRGS (Orientadora)

Profa. Dra. Darli Collares - FACED/UFRGS

Profa. Dra. Renata Sperrhake - FACED/UFRGS

*Aos meus pais, pela força e incentivo... Além dos valores ensinados
para contribuição do meu caráter.
Aos meus sobrinhos, Maria Antônia e Pedro, fontes de inspiração,
para que eu continue acreditando em uma educação básica e de
qualidade, para todas as crianças...*

AGRADECIMENTOS

“A gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixa cativar.”

(Antoine de Saint-Exupéry)

Primeiramente, agradeço a Deus e aos meus mentores espirituais, pela luz e proteção. Por me concederem a graça de evoluir no meu conhecimento intelectual e espiritual e por terem colocado os estudos da educação em meu caminho.

Aos meus pais, Antonio Milioni e Vera Milioni, por se dedicarem intensamente para a minha formação, em busca dos meus objetivos. Obrigada pelo incentivo e apoio em meu crescimento profissional e como ser humano. Às minhas irmãs, Karoline Milioni e Kelly Milioni, por todo amor e carinho desde sempre, dividindo comigo os momentos de medos e angústias quando mais necessitei. Aos meus sobrinhos, Maria Antônia Milioni e Pedro Milioni, os meus "*pedacinhos de céu*", que são o combustível da minha vida.

Às minhas queridas amigas Camila Pereira, Jéssyca Martinelli, Luísa Gijssen e Renata Neglia, que estiveram comigo desde o início da vida acadêmica e foram minha base de apoio e de amizade ao longo desses 4 anos. Descobrimo-nos juntas como docentes e partilhamos momentos inesquecíveis.

Agradeço também à minha professora orientadora, Patrícia Camini, pelas incansáveis horas de dedicação, pelo apoio, confiança e estímulo durante a elaboração deste trabalho. Aos demais mestres, pelos ensinamentos durante minha caminhada na pedagogia. À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo privilégio em conseguir estudar em uma instituição pública, em especial a Faculdade de Educação, que foi o meu portal de desconstrução humana e de aprendizagem docente.

A todas as crianças que passaram pela minha vida durante a trajetória como pedagoga em formação. Pelas vezes em que eu me vi descontente e nos momentos de tristeza, ganhei os melhores abraços mostrando-me verdadeiro sentido em ser educadora.

Existem pessoas que fizeram parte da minha vida e também foram importantes ao longo da minha vida acadêmica, pessoas que chegaram e saíram e pessoas que chegaram e ficaram; de alguma forma aprendi a ser quem eu sou hoje, graças a tudo que eu vivi nesses anos de graduação. A todos que contribuíram para a construção do meu crescimento pessoal e profissional.

RESUMO

Este trabalho partiu do seguinte problema de pesquisa: que práticas pedagógicas de leitura de textos literários na alfabetização eram sugeridas na Revista do Ensino/RS entre os anos 1972 e 1974? A partir desse problema, analisou-se 09 exemplares da Revista do Ensino/RS, tratados conforme a metodologia de análise de conteúdo, inspirada em Bardin (2011). Como referencial teórico, utilizou-se contribuições de Wanderley Geraldi, Luiz Carlos Cagliari e Magda Soares, entre outros, para historicizar os usos de textos na alfabetização, e contribuições de Maria Helena Câmara Bastos no que se refere à Revista do Ensino/RS como fonte historiográfica na educação. Foram constituídas duas unidades de análise: 1) Valorização do livro como suporte do texto literário; e 2) A Revista do Ensino/RS ampliando o acervo pedagógico da professora. Como resultados, em relação à leitura de textos, percebeu-se a predominância de textos literários. Nas práticas relacionadas a esses textos, em síntese, o livro aparece como suporte de grande valor para a realização da leitura desse tipo de texto, embora a Revista também se preocupe em fornecer em suas páginas um repertório de lendas, poesias e histórias narrativas para que as professoras utilizem em sala de aula. Analisando as recomendações da Revista do Ensino/RS para as práticas escolares da leitura na alfabetização, não se percebeu a vinculação destas ao uso de cartilhas, embora eventualmente tenha aparecido anúncios de editoras para comercialização desses materiais. A vinculação entre leitura e cartilhas na alfabetização nas Revistas do Ensino/RS era uma das hipóteses presentes no início da pesquisa, o que não se confirmou. Os dados aqui apresentados mostram um cenário em que alguns discursos já pareciam minar a concepção de língua que dava sentido ao uso didático de textos das cartilhas e da leitura de textos literários clássicos e de linguagem rebuscada. O que se mostrou foi a predominância do uso utilitário e tecnicista de uma variedade de textos literários com finalidades como divulgar repertório regional gaúcho, festas católicas do calendário nacional, símbolos e políticas nacionais do contexto da ditadura civil-militar vivida na década de 1970 no país.

Palavras-chave: Revista do Ensino/RS. Textos literários. Leitura. Alfabetização. Análise de conteúdo.

MILIONI, Greyce Cristina. **O texto literário na sala de aula de alfabetização:** análise da Revista do Ensino/RS [1972-1974]. Porto Alegre, 2019. 38 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Repositório Tatu.....	20
Figura 2 – Seção “Cantinho das novidades”.....	24
Figura 3 – Indicações de literatura infantil na Revista do Ensino/RS.....	26
Figura 4 – Reportagem: “Novo estímulo às atividades literárias”.....	27
Figura 5 – Lenda “Os ovos de Pásco”.....	29
Figura 6 – Partitura.....	30
Figura 7 – Lendas.....	30
Figura 8 – Partitura.....	31
Figura 9 – Partitura.....	32
Figura 10 – Poesia.....	33
Figura 11 – Quadrinhas.....	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Etapas metodológicas da pesquisa	19
Quadro 2 – Material empírico da pesquisa	20

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2	PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	13
2.1	O TEXTO NA SALA DE AULA DE ALFABETIZAÇÃO	13
2.2	A REVISTA DO ENSINO/RS COMO FONTE DE PESQUISA	16
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
3.1	ANÁLISE DE CONTEÚDO	18
3.2	MATERIAL EMPÍRICO	19
4	O TEXTO LITERÁRIO NA ALFABETIZAÇÃO [1972-1974]: ANÁLISES.....	23
4.1	LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS I: VALORIZAÇÃO DO LIVRO COMO SUPORTE DO TEXTO LITERÁRIO	23
4.2	LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS II: A REVISTA DO ENSINO/RS AMPLIANDO O ACERVO PEDAGÓGICO DA PROFESSORA	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS.....	37

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Iniciei esta pesquisa com o desejo de encontrar professoras que alfabetizaram durante a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985). Essa busca não foi fácil. Encontrei muitas professoras que alfabetizaram na década de 1980 e professoras que não lecionaram nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Durante essa busca por professoras a serem entrevistadas, iniciei a pesquisa no acervo histórico da Biblioteca Setorial da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo como foco a Revista do Ensino/RS, pesquisando indícios dos discursos sobre alfabetização durante o referido período histórico.

O semestre foi passando e, sem encontrar boas fontes orais para o trabalho, minha orientadora e eu optamos por deslocar o foco da pesquisa para a Revista do Ensino/RS, que já era objeto de minha análise. A partir dessa decisão, também deparei-me com a dificuldade em consultar o acervo físico, tendo em vista o estado de degradação de boa parte das revistas e a baixa luminosidade do local, o que não permitiu a realização de boas imagens para a pesquisa. Por esses motivos, passei a consultar o acervo de Revistas do Ensino/RS disponível no Repositório Digital Tatu, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), o que facilitou muito o trabalho, embora a amostra tenha ficado restrita apenas ao período entre 1972 e 1974¹.

Portanto, o material empírico foi constituído por exemplares digitalizados da Revista do Ensino/RS. A Revista do Ensino/RS foi escolhida tendo em vista seu grande alcance como imprensa de educação e ensino para professores na época em que ela estava em circulação. Nesses materiais, busquei rastrear indícios do trabalho pedagógico com textos literários nas escolas gaúchas, no início do Ensino Fundamental, entre os anos de 1972 a 1974.

De acordo com Bastos (2016, p.2): "A imprensa periódica e, especialmente, a imprensa de educação e ensino tem sido amplamente utilizadas como documento para a construção da história e da história da educação". As análises desses materiais como fontes de pesquisa auxiliam a compor narrativas sobre a memória que ainda constitui as práticas dos presentes. A esse respeito, Mariani (1993 *apud* BASTOS, 2016, p. 2) destaca que a análise dos discursos circulantes na imprensa

[...] se faz importante e necessária, já que esta, enquanto pratica social, funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: capta, transforma e divulga

¹ Além dos exemplares de 1972 e 1974, o repositório também apresenta uma edição anual da revista, de 1976. No entanto, não foi encontrada a presença de material relevante para esta pesquisa. Mais detalhes sobre a consulta a esse repositório serão fornecidos no capítulo 3.

acontecimentos, opiniões e idéias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo que organiza um futuro – as possíveis consequências desses fatos do presente – e, assim, legítima, enquanto passado, - memória – a leitura desses mesmos fatos do presente no futuro.

O mérito da pesquisa é a produção de uma contribuição sobre como professoras gaúchas trabalhavam com textos antes da circulação dos estudos da "Psicogênese da língua escrita" (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985), dos gêneros do discurso² (BAKHTIN, 1992), da coletânea "O texto na sala de aula" (GERALDI *et al*, 2006 [1985]) e do(s) letramento(s) (KATO, 1986; TFOUNI, 1988; KLEIMAN, 1995; SOARES, 1998; ROJO, 1998). Cito esses estudos porque provocaram mudanças nas perspectivas epistemológicas de como a escola brasileira deveria ensinar a ler e escrever textos, desde que a criança nasce em uma cultura letrada.

A pesquisa partiu da seguinte questão: **que práticas pedagógicas de leitura de textos literários na alfabetização eram sugeridas na Revista do Ensino/RS entre os anos 1972 e 1974?**

A partir desse problema, o objetivo da pesquisa é analisar as práticas pedagógicas que circularam no Rio Grande do Sul em um recorte da década de 1970 para leitura de textos literários na alfabetização, antes da circulação dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, Wanderley Geraldi, Magda Soares, entre outros que colaboraram para a mudança no paradigma dessas práticas no país.

Com esse objetivo, a metodologia desenvolvida foi a análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), seguindo uma abordagem qualitativa. O material empírico é constituído por 09 exemplares da Revista do Ensino/RS.

O trabalho está organizado da seguinte forma: 1. Considerações iniciais; 2. Perspectiva histórica; 3. Procedimentos metodológicos; 4. O texto literário na alfabetização [1972-1974]: análises; e 5. Considerações finais.

Compreendo que os discursos que constituem o campo de práticas da alfabetização necessitam de análise constante para a busca por uma desnaturalização das práticas do nosso presente. Dessa maneira, ao longo da pesquisa, discuti as relações que vem se estabelecendo entre ensino de textos e alfabetização

² Estudos desenvolvidos originalmente pelo autor na década de 1950, publicados postumamente no final da década de 1970 e, no Brasil, no início da década de 1990, a partir da tradução da edição francesa.

2 PERSPECTIVA HISTÓRICA

Este capítulo apresenta a perspectiva histórica que sustenta a pesquisa realizada. Para esse fim, está organizado em duas partes: 2.1 O texto na sala de aula de alfabetização; e 2.2 A Revista do Ensino/RS como fonte de pesquisa.

2.1 O TEXTO NA SALA DE AULA DE ALFABETIZAÇÃO

Nos dias atuais, devido aos problemas educacionais existentes no país, muitas são as pessoas que afirmam que a educação escolar na década de 1970 era mais rígida e, por conta disso, teria melhor qualidade. As escolas de ensino primário³ teriam melhor estrutura, professores, e educadores seriam mais qualificados para ensinar. No entanto, os dados de pesquisas sobre acesso escolar indicam que as escolas brasileiras foram ampliando as taxas de reprovação conforme esse acesso foi sendo universalizado à população (RIGOTTO; SOUZA, 2005). Portanto, não é possível comparar com a mesma métrica condições tão diferentes de ensino, com espaço, tempo, relações sociais, investimento público, legislação tão diferentes.

Diante disso, referente ao processo de alfabetização das crianças, existe uma grande divergência, do ponto de vista do senso comum, sobre aspectos pontos positivos e negativos naquela época, uma vez que o ensino e o primeiro contato das crianças com as letras passava pelas cartilhas. As cartilhas predominaram como recurso didático privilegiado na alfabetização durante boa parte do século XX. Um exemplo de sucesso é a cartilha “Caminho Suave”, que foi lançada em 1948 e, mesmo após 71 anos, ainda é comercializada, embora não seja mais distribuída em escolas pelo Ministério da Educação desde a década de 1990.

Composição, redação e expressão escrita foram termos comuns utilizados no mesmo período histórico de utilização das cartilhas para se referir à escrita de textos pelos alunos. Soares (1999) aponta que a concepção de língua e de aprendizagem que vigorava com as cartilhas formava crianças com concepção de texto como um amontoado de frases já conhecidas, geralmente curtas e com estrutura canônica formada por sujeito, verbo e objeto, nessa ordem. Nessa mesma direção, Cagliari (1999, p. 82) afirma:

A maneira como as cartilhas lidam com a fala e a escrita confunde as crianças, uma vez que passa a idéia de que a linguagem é uma “soma de tijolinhos”, representados pelas sílabas e unidades geradoras. Ora, as crianças aprenderam a falar de outra maneira muito diversa e, portanto, para elas, a linguagem apresenta-se como um

³ O ensino primário compreendia turmas de 1ª a 4ª séries. No atual formato da Educação Básica, seria equivalente aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

todo organizado de maneira muito diversa daquela que a escola lhe mostra. No fundo as cartilhas deixam de lado toda a trama da linguagem, ficando apenas com o que há de mais superficial. Isso faz com o que os alunos passem a fazer apenas um uso superficial da fala e da escrita nas suas atividades escolares futuras (CAGLIARI, 1999, p. 82).

A literatura acadêmica de diferentes áreas aponta, principalmente desde a década de 1980, portanto, as fragilidades das principais concepções que embasam os métodos das cartilhas que circularam no Brasil. Soares (1999, p. 60) indica dois fatores principais que efeturaram o abastardamento das cartilhas:

Todos os que atuamos na área de Língua Portuguesa, na escola, reconhecemos que uma mudança significativa nas concepções de aprendizagem e ensino da língua escrita vem ocorrendo desde os anos 80. Essa mudança é fruto, fundamentalmente, de dois fatores. Em primeiro lugar, é nos anos 80 que as ciências lingüísticas - a Lingüística, a Sociolingüística, a Psicolingüística, a Lingüística Textual, a Análise do discurso começam a ser "aplicadas" ao ensino da língua materna: novas concepções de língua e linguagem, de variantes lingüísticas, de oralidade e escrita, de texto e discurso reconfiguram o objeto da aprendizagem e do ensino da escrita e, conseqüentemente, o processo dessa aprendizagem e desse ensino. Em segundo lugar, é também nos anos 80 que a Psicologia Genética piagetiana traz uma nova compreensão do processo de aprendizagem da língua escrita, através, particularmente, das pesquisas e publicações de Emilia Ferreiro e seus colaboradores, obrigando a uma revisão radical das concepções do sujeito aprendiz da escrita, e de suas relações com esse objeto de aprendizagem, a língua escrita.

Nesse panorama, o sujeito que aprende a língua escrita por imitação, treino motor e associação exaustiva de relações entre grafemas e fonemas é questionado, abrindo espaço para outro sujeito: "[...] um sujeito que aprende atuando com e sobre a língua escrita, buscando compreender o sistema, levantando hipóteses sobre ele, com base na suposição de regularidades nele, submetendo a prova essas hipóteses e supostas regularidades" (SOARES, 1999, p. 61).

Também na década de 1980, a publicação de "O texto na sala de aula" – coletânea de 12 artigos organizados por Wanderley Geraldi e outros autores – indica mudança de perspectiva em relação ao lugar dos textos na escola. É possível verificar que os aspectos privilegiados pelos autores são a interlocução possibilitada pelos textos e o uso real deles em situações cotidianas.

Na parte final da obra – "Sobre a produção de textos na escola" –, os capítulos de Geraldi (2006) e Britto (2006) defendem que, quando o aluno sabe que seu texto será lido e corrigido somente pelo seu professor, ele vai procurar escrever de acordo com o que ele mesmo acredita que o leitor, ou seja, o seu professor irá gostar e, assim, será uma boa maneira

de receber uma boa nota avaliativa. Nesse sentido, é enfatizado por Geraldí que o aluno, na escola, acaba por não produzir textos em que diz a sua própria palavra; isso porque, conforme o autor, a partir do momento em que se escreve apenas para ser avaliado, é automático o pensamento de simulação do uso da palavra escrita.

Esses estudos eram influenciados pela obra de Bakhtin, publicada na Europa, que abordava os gêneros do discurso. Para Bakhtin (1992), o ser humano se comunica através de gêneros do discurso, os quais fazem parte da nossa vida diariamente. Bakhtin (1992) aborda a linguagem entre duas esferas inseparáveis: a da atividade humana e a do uso da língua. O autor organiza essas esferas em dois grupos: os primários, que definem as situações comunicativas cotidianas, espontâneas e informais; e os secundários, que aparecem em situações comunicativas mais complexas, como enunciados e teses científicas. O que diferencia um gênero de outro é o nível de complexidade em que eles se apresentam, visto que os dois são compostos por enunciados verbais.

Outro nome importante que serviu de referencial para os novos estudos sobre o texto na sala de aula foi o do inglês Brian Street, cujos estudos salientam a natureza social e cultural da escrita, da leitura e da oralidade, considerando o caráter múltiplo das práticas sociais nas culturas escritas. Na esteira de seus estudos e de outros, emergiu o conceito de letramento no Brasil, com contribuições de Kato (1986), Tfouni (1988), Kleiman (1995), Soares (1998) e Rojo (1998) para traduzir o conceito de *literacy* para a língua portuguesa e pensar as práticas sociais com uso de textos no contexto brasileiro.

A partir desse conceito, gêneros textuais/discursivos ganharam mais relevância no debate sobre trazer textos reais para a escola, tendo em vista que esses estudos dialogavam com outros que defendem que só há comunicação por meio desses gêneros. Para Marcuschi (2008, p. 155), gêneros textuais "são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas".

A despeito desses estudos sobre gêneros textuais/discursivos, ainda hoje é possível encontrar nas práticas alfabetizadoras muitos textos sem gênero definido, como os de cartilhas antigas, embora não mais de forma hegemônica.

No tempo em que as cartilhas eram os principais materiais de alfabetização, as professoras provavelmente não se davam conta de que esses gêneros eram puramente escolares.

2.2 A REVISTA DO ENSINO/RS COMO FONTE DE PESQUISA

A Revista do Ensino/RS foi um periódico dirigido ao professorado, de grande circulação no estado do Rio Grande do Sul durante o século XX. De acordo com Bastos (2016), a Revista possuía tiragem de 50.000 exemplares impressos na década de 1960. Constituiu-se como espaço de orientações, de formação e de atualização das professoras, primeiramente, do ensino primário e, após a reforma de ensino no ano de 1971, pela Lei nº 5692, também de professoras dos outros níveis de ensino.

Peres e Vahl (2015) explicam as diferentes fases pelas quais passou a Revista do Ensino/RS:

A Revista do Ensino foi um periódico pedagógico gaúcho que teve várias fases. A primeira delas entre os anos de 1939 a 1942, foi publicada sob o patrocínio da Secretaria de Educação e Saúde Pública. Após nove anos de interrupção, em 1951, a Revista voltou a circular como iniciativa de um grupo de professoras primárias. E, em 1956, passou a ser a publicação oficial sob a supervisão do CPOE. Na década de 70, a Revista passou novamente por uma série de dificuldades e de forma bastante irregular foi publicada até os anos 90 (BASTOS, 2005).

Na fase iniciada em 1951, três professoras primárias foram responsáveis pela Revista: Maria de Lourdes Gastal, Gilda Garcia Bastos e Abigail Teixeira. Antes, a Revista era editada pela Livraria do Globo, de propriedade privada. Com o intuito de, além de preencher uma carência que existia junto às professoras primárias, existia, também, a ideia de que a jovem educadora conseguisse encontrar soluções na revista para os problemas que fossem encontrados diariamente, dentro e fora da sala de aula, enquanto lecionava (BASTOS, 2016).

A diretora da revista, Maria de Lourdes Gastal, e sua equipe defendem em 1964 a tese de “imensa contribuição da imprensa” como “aliada do professor na sistematização do ensino”, devido às dificuldades que eram encontradas pelos professores, como, por exemplo: a dificuldade de o professor em frequentar cursos de especialização, o alto custo dos livros e a dificuldade de tradução desses livros (BASTOS, 2016). Diante disso, as revistas se tornaram um grande recurso ao professor, devido aos diversos assuntos que seriam abordados, as

notícias e comentários com o intuito de atualizar os professores, a liberação de artigos estrangeiros já traduzidos e propostas de práticas para serem feitas dentro ou fora da sala de aula com os alunos. Conforme Bastos (2016, p. 7): "O sucesso da revista parece ter residido na característica de fornecer farto material didático e ilustrativo ao professor, junto com orientações metodológicas [...]".

Os artigos e as matérias que foram publicadas na Revista do Ensino/RS tiveram grande importância para a História da Educação. Sendo a maior revista de educação naquela época no Rio Grande do Sul, organizando práticas docentes e criticando outras, a revista levava até as professoras novidades para que fossem trabalhadas com seus alunos em sala de aula. Há um imaginário docente de uma época representado e que nos ajuda a desnaturalizar o tempo presente da alfabetização, que certamente é constituído em suas relações com esse passado.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresento a metodologia desenvolvida e o material empírico analisado.

3.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Esta pesquisa se caracteriza por ser uma análise de conteúdo (AC), seguindo o referencial de Bardin (2011). A AC é um método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado. Caregnato e Mutti (2006, p. 679) afirmam que a "maioria dos autores refere-se à AC como sendo uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social".

De forma complementar, Bardin (2011) afirma que a AC pode se constituir em

[...] eficiente conjunto de técnicas de pesquisa, em abordagem interdisciplinar, muito desenvolvido pelos recentes avanços no campo da comunicação. Tem como primeiro objetivo buscar sentido ou sentidos no texto e fundamenta-se nos pressupostos da concepção dinâmica da linguagem, entendida como construção real de cada sociedade e como expressão da existência humana; elaborando e desenvolvendo representações, todos os momentos históricos (BARDIN, 2011, p. 219-220).

Seguindo esse referencial, são três as etapas que constituem a aplicação mais clássica da AC: (1) pré-análise; (2) exploração do material; (3) tratamento dos resultados e interpretação.

Sendo assim, foram realizados esses procedimentos no processo de análise de 09 Revistas do Ensino\RS. Inicialmente, foram consultados dois acervos: o acervo histórico da Biblioteca Setorial da Faculdade de Educação da UFRGS e, posteriormente, o Repositório Digital Tatu, da UNIPAMPA. Conforme explicitado no capítulo inicial, o acervo histórico foi descartado após três visitas e a pesquisa seguiu em frente com a consulta ao Repositório da UNIPAMPA, devido à facilidade de acesso no curto período de realização deste trabalho.

A seguir, apresento um resumo das etapas metodológicas da pesquisa:

QUADRO 1 – Etapas metodológicas da pesquisa

ETAPA	DESCRIÇÃO
PRÉ-ANÁLISE	Procedeu-se à consulta dos acervos, à definição do período histórico a ser analisado e à análise do volume médio de dados disponíveis nas Revistas do Ensino/RS referentes ao problema de pesquisa.
EXPLORAÇÃO DO MATERIAL	Foram selecionadas as informações coletadas nos materiais das revistas, procedendo-se recortes para classificar o que foi coletado em unidades de análises.
TRATAMENTO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO	Procedeu-se à interpretação do conjunto de materiais selecionados e classificados na etapa anterior da pesquisa, a propósito do objetivo estabelecido.

Fonte: elaboração da autora.

3.2 MATERIAL EMPÍRICO

Como informado anteriormente, o material empírico foi selecionado diretamente no Repositório Digital Tatu⁴ (fig. 1). O Repositório teve origem a partir da pesquisa “As Políticas Públicas de Formação de Professores em impressos pedagógicos: a caso da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1978)”, desenvolvida desde 2015 pelo Grupo de Estudos em Educação, História e Narrativas (GEEHN), na UNIPAMPA da cidade de Bagé. Além da Revista do Ensino/RS, o Repositório abriga outras fontes relacionadas à história da educação.

⁴ Disponível em <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/>

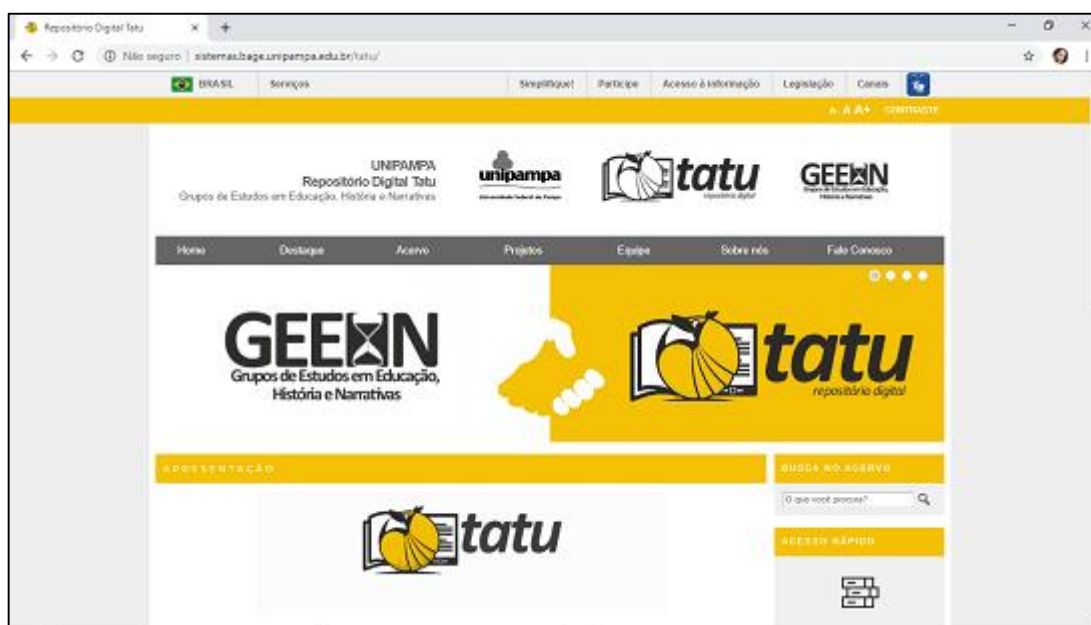





Figura 1 – Repositório Tatu. Fonte: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/>.

Foram analisados 09 exemplares das revistas publicadas entre os anos de 1972 e 1974, conforme o quadro a seguir explicita.

QUADRO 2 - Material empírico da pesquisa

CAPA DA REVISTA	ANO	Nº DA EDIÇÃO	MÊS
	1972	138	MARÇO
	1972	139	ABRIL

	1972	140	MAIO
	1972	141	JUNHO
	1972	142	AGOSTO
	1972	143	SETEMBRO
	1972	144	OUTUBRO
	1974	157	JUNHO

	1974	158	AGOSTO
---	------	-----	--------

Fonte: Elaboração da autora, a partir do Repositório Digital Tatu/UNIPAMPA.

4 O TEXTO LITERÁRIO NA ALFABETIZAÇÃO [1972-1974]: ANÁLISES

Durante a análise das Revistas do Ensino/RS, percebeu-se um conjunto de concepções que produziam práticas que davam sentido ao texto literário na sala de aula. Nesse contexto, entendeu-se como texto literário aquele de caráter polissêmico e de ampla abertura à subjetividade do leitor, sem caráter imediatamente funcional, conforme definição presente no volume de Língua Portuguesa dos Parâmetros Curriculares Nacionais⁵:

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais [...] (PNC, 1997, p. 29).

Nas análises realizadas na pesquisa, percebeu-se também que tipos de recursos, propostas e conceitos apareceram relacionados ao universo dos textos literários. Esse mapeamento é abordado neste capítulo em duas seções, as quais apresentam as unidades de análise construídas: 4.1 Leitura de textos literários I: valorização do livro como suporte do texto literário; e 4.2 Leitura de textos literários II: a Revista do Ensino/RS ampliando o acervo pedagógico da professora.

4.1 LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS I: VALORIZAÇÃO DO LIVRO COMO SUPORTE DO TEXTO LITERÁRIO

No conjunto de revistas analisadas, percebeu-se como constante a presença de um grande valor atribuído ao objeto livro como suporte para a formação de leitores literários. Roger Chartier (1999), em "A aventura do livro: do leitor ao navegador", explica o fetiche que o livro desperta no ocidente desde tempos remotos, como um símbolo de status. Seja em formato de rolo, códice ou impresso como conhecemos hoje, o status do livro atravessa os séculos: "Desde Alexandria, o sonho da biblioteca universal excita as imaginações ocidentais" (CHATIER, 1999, p. 117).

No século XVIII, os iluministas sonharam com livros que se tornassem "inventários do mundo" na busca por mais igualdade entre os cidadãos de uma mesma sociedade. Esses

⁵ Não há definição de "texto literário" na Base Nacional Comum Curricular (2017).

livros tornaram-se as enciclopédias, produzidas para que cada vez mais pessoas pudessem acessar diferentes conhecimentos e, com isso, "submeter à discussão comum suas próprias idéias" (CHARTIER, 1999, p. 133).

Ser leitor é ser capaz de ler livros com autonomia. Essa afirmação possui caráter de verdade nas Revistas do Ensino/RS. Sem dúvida, uma verdade produzida por esse processo histórico de fetichização do livro.

Na revista nº 138, de 1972, o livro aparece como alternativa para "hora do descanso" como forma de "higiene mental" (figura 2), ao lado de prática como conversar com amigos, praticar esportes, ouvir música e organizar álbuns. Nota-se, também, que essa recomendação aparece em seção corrente da revista, intitulada "Cantinho das novidades", o que sugere que provavelmente essa associação não fosse habitual.



Figura 2– Seção "Cantinho das novidades". Fonte: Revista do Ensino/RS, nº 138, p. 57, 1972.

Essa preocupação com higiene mental advém dos discursos moralizantes e higienistas da década de 1970, quando as classes populares começam a acessar cada vez mais as escolas,

não apenas no Brasil. Nas páginas da Revista do Ensino/RS, percebeu-se a preocupação em instrumentalizar a professora para disseminar o que seriam boas práticas relacionadas à alimentação, cuidados com os dentes, identificação de alunos com vermes, com problemas de visão, etc. Nesse sentido, a prática de leitura do livro se cruza com essas outras preocupações da época, oriundas dos movimentos de educação compensatória.

Desde sempre, a sala de aula é um ambiente que precisa ser capacitado para suprir as necessidades dos alunos, embora saibamos que, infelizmente, até os dias de hoje, isso pode não ocorrer devido aos fatores que as escolas, principalmente as públicas, podem enfrentar. Despertar o interesse pela leitura pode se tornar um desafio para os professores e dentro de suas salas de aula podem existir recursos para facilitar isso aos alunos. O uso dos livros, por exemplo, é importante na potencialização do desenvolvimento da leitura, fazendo dele um objeto de entretenimento e não somente de estudo, dessa maneira é mais fácil impulsionar o gosto pela leitura nos alunos. Em março de 1972, a revista nº 138 publicou uma matéria referente a “*Antologia*”, a qual era uma leitura destinada aos primeiros quatro anos do ensino do 1º grau. Tratava-se de uma obra dividida em quatro livros para atender a cada classe dos níveis primários.

Cada livro desta pequena obra compõe-se de quatro partes, isto é, dos quatro gêneros de leituras ou textos necessários ao completo conhecimento e formação literária da criança. (Revista do Ensino/RS, nº 138, 1972, p. 66).

A edição nº 141, também de 1972, apresenta "Um teste para você", com foco em dar dicas para pais aprenderem a identificar bons livros de literatura infantil para aquisição. A autora da coluna é Generice Albertina Vieira. Ela indica, por exemplo:

[...] se comprar o livro certo, o que corresponde a interesses e preocupações dele [o filho] no momento, pode ter certeza de que o preço compensa, pois o livro será olhado, manuseado e lido muitas vezes. Será assunto de conversas, companhia em instantes de solidão, sendo até levado para a cama à noite e conservado debaixo do travesseiro. Depois de muito manuseio, passará ao irmão menor ou ao vizinho, transformando-se em novo motivo de encantamento, exploração, companhia (Revista do Ensino/RS, nº 141, 1972, p. 37).

PRIMEIRO – o livro é tão necessário quanto o brinquedo, dura mais, atinge MUITO A CRIANÇA e custa menos. [...]

SEGUNDO – a estória tem de 'entrar pelos olhos' [...].

TERCEIRO – é preciso pensar primeiro no leitor [...].

QUARTO – o interesse da criança conta mais que sua idade [...].

QUINTO – guarde o nome dos autores premiados cada ano [...].
 SEXTO – o gosto pela leitura é adquirido [...]
 (Revista do Ensino/RS, nº 141, 1972, p. 38-39).

A autora, ao final da matéria, faz uma espécie de catálogo (figura 3) indicando autores para serem lidos pelas crianças. Junto a essas indicações, ela exemplifica com grandes marcos que aconteciam naquela época para que esses autores fossem lembrados, como por exemplo: prêmios de literatura infantil entre os anos de 1937 e 1969 – Érico Veríssimo, “As Aventuras de Tibicuera”, Prêmio Ministério da Educação e Saúde; Ofélia e Narbal Fonte, “Cem noites tapuias”, Menção Honrosa do Concurso Companhia Melhoramentos em 1945. A autora também menciona Monteiro Lobato.

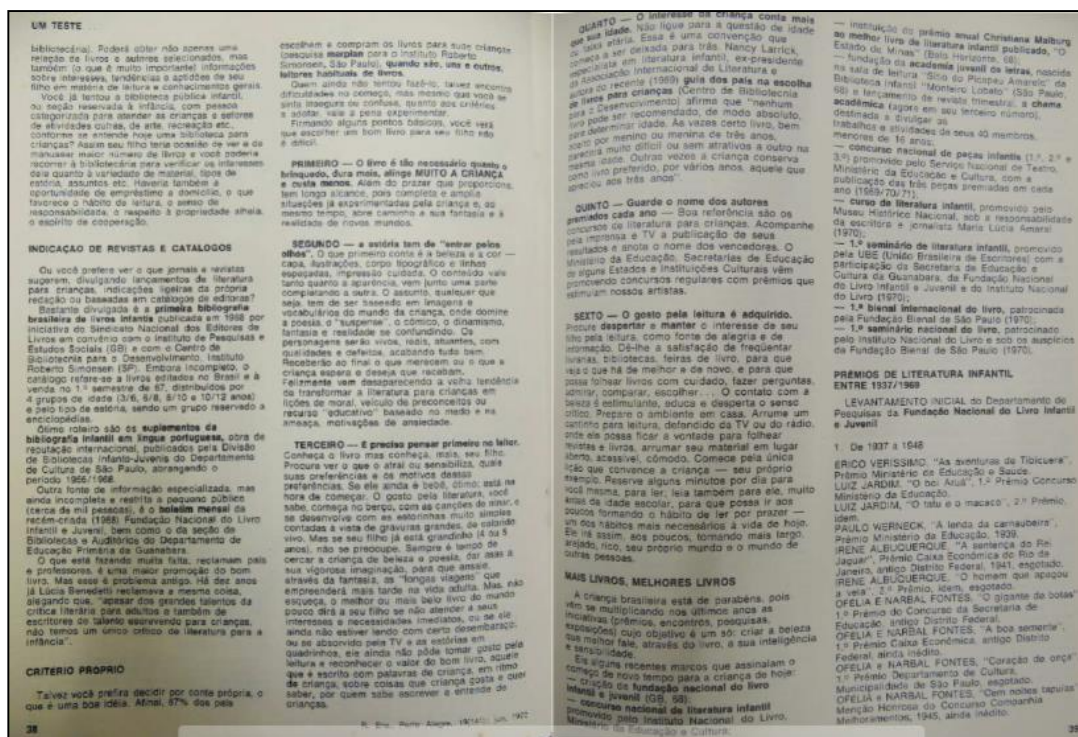


Figura 3 –Indicações de literatura infantil na Revista do Ensino/RS. Fonte: Revista do Ensino/RS, nº 141, p. 38-39, 1972.

É interessante observar a preocupação de que o livro corresponda a interesses da criança para que seja envolvido em práticas sociais em torno da leitura, como as conversas. Não se trata mais de apenas indicar antologias de textos clássicos, como exemplos de refinamento intelectual e moral (COLOMER, 2007). Essa preocupação está na base do que na década seguinte foi conceituado como "letramento" no Brasil (KATO, 1986; TFOUNI, 1988),

sublinhando a importância de as práticas de leitura e escrita na escola estarem inscritas em situações reais, com funções socialmente identificadas.

Colomer (2007) salienta que a década de 1970 também empreendeu uma guerra para formar leitores em um período de expansão do acesso à televisão. Nessa mesma direção, o modelo escolar sofria modificações a partir ainda dos ideários da Escola Nova, do pós-guerra e das críticas à escola como aparelho reprodutor do Estado. Seria preciso que a escola focasse mais na comunicação e na expressão do aluno, em detrimento da exclusividade do modelo da literatura clássica.

Na edição nº 143, encontra-se uma matéria indicando atividades do Instituto Estadual do Livro (figura 4) – órgão vinculado à Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Em comemoração ao dia internacional do livro⁶, em 29 de outubro, o Instituto mobilizou escolas em torno da Semana do Livro⁷. Além disso, anuncia-se que o Instituto estava promovendo, naquele ano, campanhas para ampliação de acervos de bibliotecas, cursos de literatura infantil para professores e concursos para premiar "obra infantil ilustrada". O título da matéria é sugestivo: "Novo estímulo às atividades literárias".

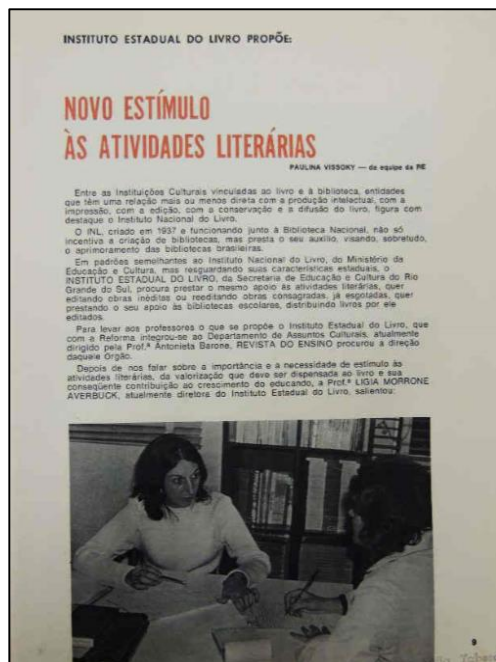


Figura 4 –Reportagem: "Novo estímulo às atividades literárias". Fonte: Revista do Ensino/RS, nº 143, 1973, p. 9.

⁶ A UNESCO proclamou 1972 o ano internacional do livro.

⁷ A matéria sugere que as atividades previam impacto em toda a escolarização obrigatória e também nas comunidades, não apenas no período de alfabetização.

Já na edição nº 158, publicada em agosto de 1974, Maria Mazzetti escreveu uma matéria com o seguinte título: “Ele não gosta de ler”. Nesse texto, a autora conta sobre como é vista pelas pessoas: “*Se escrevo livros, sou escritora, mas se agrego de Literatura Infantil as pessoas não me levam a sério*” (Revista do Ensino, nº 158, 1972, p. 21). Esse desprestígio relatado pela autora mostra que o campo da Literatura Infantil ainda vinha lutando por reconhecimento na década de 1970.

Zilberman (2003) esclarece que o Brasil viveu um momento de desabrochar de uma nova tradição de literatura infantil com o pioneirismo de Monteiro Lobato, que rompeu com a tradição do folclore europeu, entre as décadas de 1920 e 1940. No entanto, a década de 1950 viveu uma estagnação nessa área, após a morte de Lobato, ocorrendo uma renovação apenas na década de 1970, com o aparecimento de novos autores e publicação de muitos livros (ZILBERMAN 2003).

Maria Mazzetti, nessa mesma matéria da edição de nº 158, defende que o livro seja objeto de prazer para a criança:

Entretanto, um livro deve ser, sobretudo, para a criança, uma fonte de extremo prazer. Só assim ela formará verdadeiro hábito de ler. Isto quer dizer que tem que se atrair uma criança para uma leitura em que ela possa encontrar alguma coisa para a imaginação se recrear e se dedicar (Revista do Ensino, nº 158, 1974, p.22).

Nesse sentido, observa-se o enredamento do valor atribuído ao livro aos discursos sobre a criança como sujeito que aprende pelo prazer, o que poderia ser canalizado para a formação do leitor. Anos mais tarde, veremos que esses discursos, aliado a outros e ao avanço das condições de produção do mercado editorial, produzirão o fenômeno dos "livros-brinquedo", que possibilitam uma grande variedade de interações com imagens, sons e palavras.

4.2 LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS II: A REVISTA DO ENSINO/RS AMPLIANDO O ACERVO PEDAGÓGICO DA PROFESSORA

Em relação aos textos literários, percebeu-se que a Revista do Ensino/RS também exerceu o papel de divulgação constante de alguns gêneros desses textos, oferecendo subsídios que ampliassem o repertório da professora para utilização na sala de aula. Entre esses gêneros, há presença regular de poemas, lendas, contos e letras de músicas com partitura.

Ao analisar os exemplares da Revista do Ensino/RS do período entre 1951-1978, Bastos (2016, p. 4) já apontava a presença desses subsídios à docência:

O periódico volta-se a dar orientação didático-pedagógica aos professores em exercício e em formação, através de sugestões de planos de aula, atividades praticas, trabalhos manuais, musica, poesias, sugestões de recursos didáticos. Procura auxiliar o professor no dia a dia da sala de aula. Mas também, preocupava-se em subsidiá-los com textos mais teóricos, de fundamentos da educação, artigos sobre psicologia, higiene escolar, historia da educação, administração escolar, sociologia da educação e outros.

Na revista nº 138, publicada em março de 1972, encontramos ideias para as professoras trabalharem o período de Páscoa. Uma dessas ideias é a leitura da lenda “Os Ovos de Páscoa” (figura 5). A Revista sugere que a professora adapte essa leitura conforme o nível de compreensão da turma e também sugere a associação dela a músicas, como o “Coelhinho vem ao jardim” e “Sinos de Páscoa” (figura 6), as quais também aparecem com letra e partitura impressas na íntegra.

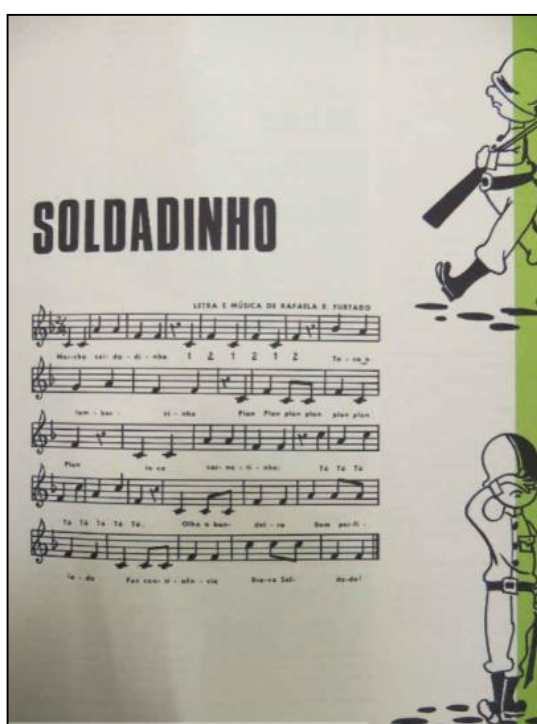


Figura 5 –Lenda "Os ovos de Páscoa". Fonte: Revista do Ensino/RS, nº 138, p.17-18, 1972.

Assim como a música apareceu na matéria sobre como trabalhar o conteúdo da Páscoa em sala de aula, em muitas outras matérias ela também aparece, principalmente associada às ideias de recreação e ludicidade. A edição nº 139 da Revista (1972) traz uma matéria de Lucy Mesquita Munck a esse respeito, indicando a necessidade de realização de "exame cuidadoso do texto" das músicas, equacionando "prazer despertado e sentido educacional". Nesse processo de seleção de músicas para a sala de aula, a professora deveria verificar:

[...] o sentido educativo, a propriedade em relação às diferentes situações (entrada, saída, merenda, deslocamento, etc.); a adequação ao nível mental; o conteúdo moral; a correção gramatical; o bom ajustamento da letra à música. (Revista do Ensino/RS, nº 139, 1972, p. 25).

Conteúdo moral e símbolos nacionais do contexto da época aparecem exaltados com frequência pelo recurso das músicas na Revista. Nessa mesma edição nº 139, uma matéria sobre símbolos nacionais publicou como sugestão trabalho com a música “Soldadinho” (figura 8).



The image shows a page from a music book or magazine. At the top, the title "SOLDADINHO" is written in large, bold, black letters. Below the title, there is a musical score with five staves of music. The lyrics are written below the notes. To the right of the score, there are two illustrations of a soldier in a white uniform with a green beret. The top illustration shows the soldier walking and playing a clarinet. The bottom illustration shows the soldier standing with his hand on his forehead. The background of the page is light green.

Figura 8 –Partitura. Fonte: Revista do Ensino/RS, nº 139, p.23, 1972.

Em 1974, a revista nº 157 sugeriu o trabalho com o conteúdo “Os caminhos de ferro no Brasil”, no contexto de ampliação das ferrovias no país a partir do Plano Nacional de

Viação, em vigor a partir de 1973. Para as turmas de 1ª série, a revista sugeriu a utilização de duas músicas: “Lá na estação” e “Maquinista Ligeirinho” (figura 9).

The figure shows two pages from a music book. The left page is titled "SUBSÍDIOS..." and contains instructions for the song "TREM DE FERRO" by Manuel Bandeira. It lists vocal parts (A, B, C), dynamic markings (Acel., Rit., C, f, ff, p, pp), and performance notes. The right page features two songs: "LÁ NA ESTAÇÃO" by Norma Ingleza and "MAQUINISTA LIGEIRINHO" by Dinah de Barros Meneses. Both songs include musical notation and lyrics. The lyrics for "Lá na Estação" are: "LÁ NA ESTA- ÇÃO, SEM DE BANDEI- RA... SE-JAM DE TREM- ZI- NHO SEM EN- FI- LIZ- RA- DOZ... E O NA QUA- LIS- TA PO- DADA NA- RI- JE- LA... TCU TCU TCU TCU LÁ DE PAR...". The lyrics for "Maquinista Ligeirinho" are: "NA- BUI- NIS- TA LI- CEE- RI- NHO, MAS SOU... APRESSA- VO- CE TENHO TCU TCU TCU TCU- MO COE- NI- DO... ATÉ- LHO O TCU TCU TCU O TCU- DO- EL- E... EI, É, JÁ NÃO- VOU- NA BAI- XAR- TAN- DO TCU TCU TCU TCU TCU... TCU TCU TCU TCU TCU TCU...".

Figura 9 –Partitura. Fonte: Revista do Ensino/RS, nº 157, p. 30-31, 1974.

Percebeu-se que as preocupações pedagógicas em relação às músicas estão mais direcionadas a questões morais, políticas, recreativas, motoras e gráfico-plásticas do que em relação ao desenvolvimento da linguagem oral e da leitura. Essa associação da música como literatura oral é discurso que adquire força posteriormente a essa época, como se percebeu.

No entanto, há uma exceção. Na edição nº 142, publicada em agosto de 1972, há a matéria “O ensino do vocabulário em situação”, da autora Renira Lisboa de Moura Lima. Nela, Lima explica que a criança aprende o vocabulário assistematicamente – por experiência direta – e sistematicamente – por planejamento da professora. A autora sugere como vocabulário a ser ensinado "palavras de uso corrente" e "palavras de uso literário". Nesse uso literário, a autora aponta como exemplo o trabalho com a poesia "Meninos carvoeiros", de Manuel Bandeira (figura 10), e a música "Dia do professor"

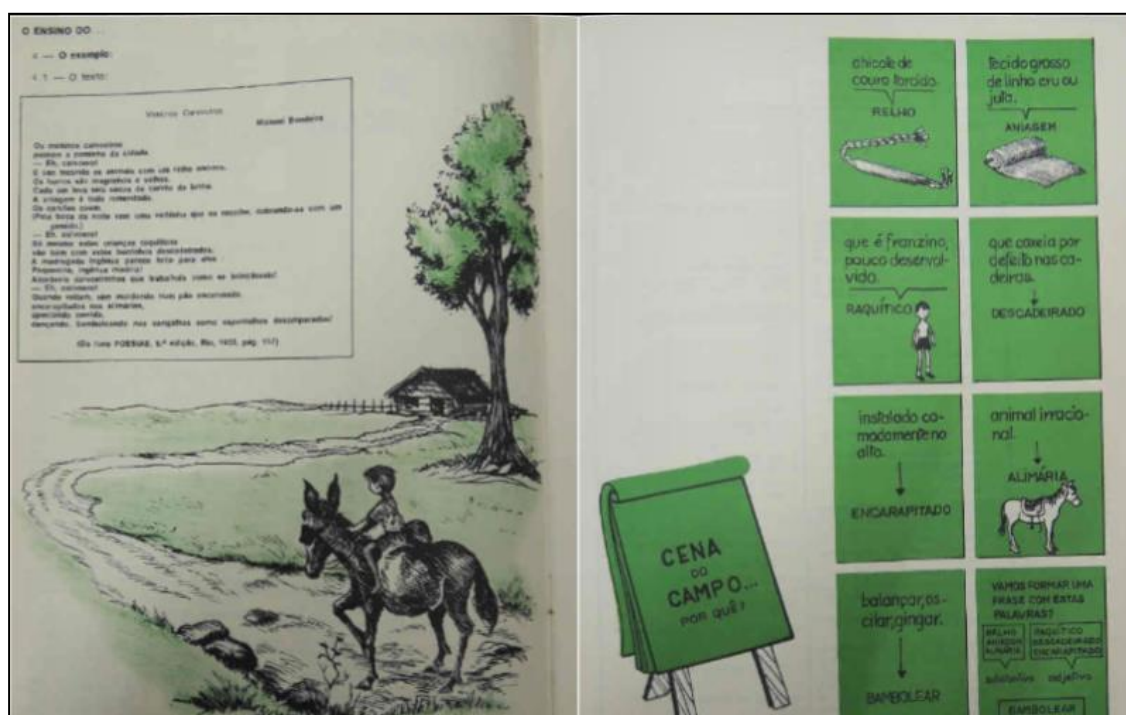


Figura 10 –Poesia. Fonte: *Revista do Ensino/RS*, nº 142, p.22-23, 1972.

Ainda sobre textos poéticos, deve ser mencionado que quase todas as edições analisadas trazem uma seção intitulada "Caixinha de rimas" (figura 11), em que é oferecido um repertório de três pequenas quadrinhas, compostas por quatro versinhos cada. Não há orientações publicadas junto a essa seção.

As sociedades básicas abstrais relacionadas dizem respeito aos aspectos históricos dos Estados Sociais:

- Cada acontecimento, movimento e instituição tem raiz no passado.
- Os costumes, tradições, valores e crenças passam de geração a geração.
- O conhecimento do passado ajuda o homem a compreender o presente e a projetar para o futuro.
- As causas e consequências dos eventos históricos são numerosas e complexas.
- Os eventos históricos podem ter consequência em tempo e espaço diversos daqueles em que ocorreram.
- Nenhuma história se repete exatamente do mesmo modo; causas semelhantes tendem a produzir resultados similares.
- O conhecimento do passado é feito através dos documentos históricos que são selecionados, classificados e interpretados.
- A mudança é uma condição inevitável da vida e a decorrente modificação de situações pode provocar conflitos.
- As mudanças podem ser provocadas por movimentos dos povos, transmissão de herança cultural pelas gerações sucessivas, aperfeiçoamento e difusão de novas ideias, atitudes, crenças e valores, novas invenções e descobertas, alterações no meio físico.
- A mudança não implica necessariamente um progresso.
- O progresso envolve mudança na direção de metas estabelecidas.
- O progresso ocorre quando o homem resolve problemas que resultam de mudanças, em vários graus de sucesso.
- A mudança é uma condição da sociedade humana; civilizações florescem e declinam; sistemas de valores melhoram e se desintegram; o ritmo das mudanças varia em diferentes culturas e períodos da história.
- Em todos os tempos e em todas as regiões do mundo, o homem trabalha para atender necessidades humanas comuns e básicas e para satisfazer seus desejos e aspirações.
- Pessoas de todas as raças, religiões e culturas contribuíram para o patrimônio cultural. A sociedade moderna tem dívida com inventores culturais de outros lugares e tempos.

FONTES DE CONSULTA

1. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Guia metodológico para o curso MEC, ensino médio I. FÊNIX.
2. LOVE, William T. — *Structure and the social studies*. Cornell University Press.
3. MICHAELIS, John U. — *Estudo social para crianças como democracia*. Trad. de Leonel Vallandro. Nova Ágora, Globo (1981).
4. MICHAELIS, John U. & JOHNSTON, A. Montgomery. — *The social sciences foundations of the social studies*. Boston, Allyn and Bacon.
5. PRESTON, Ralph. — *Estudando estudos sociais na escola primária*. (Trad. de Nona Teixeira Mendes Castel [Rio de Janeiro: Fundo de Cultura 1965].

VERA NEUSA LOPES e IZABELLA KERTZES revisaram suas atividades na Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.


ESTER MALANUT — da equipe de RE

CORDEIRINHO
Corre, corre cordeirinho este espaço não tem fim corre, corre cordeirinho e depois volta pra mim...

PASSARINHO
Passa, passa passarinho não impede teu caminho passa, passa passarinho e depois faz o teu ninho

UM COELHO
Coelhinho saiu correndo, correu atrás rodado, rodado, qual será dessas coelhas que depressa a mim voltará?

CAIXINHA DE RIMAS



29

Figura 11 –Quadrinhas.Fonte: Revista do Ensino/RS, n° 138, p.29, 1972.

Pelo que foi exposto nesta seção, percebeu-se quais textos literários a Revista investia em publicizar aos docentes. Foi observada a ausência de textos ao estilo característico das cartilhas. Os textos encontrados possuem estrutura reconhecível, de circulação exterior à escola. Nesse sentido, Mortatti (2014) explica que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1971 estabeleceu o conteúdo de língua portuguesa como "instrumento de comunicação e expressão", sob influência da teoria da comunicação. Para isso, os conteúdos de gramática tradicional deveriam ceder espaço à formação de cunho mais tecnicista, voltada para as exigências do mundo do trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Os periódicos constituem uma instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional, pois fazem circular informações sobre o trabalho pedagógico, o aperfeiçoamento das práticas docentes, o ensino específico das disciplinas, a organização dos sistemas, as reivindicações da categoria do magistério e outros temas que emergem do espaço profissional"
(BASTOS, 2016, p. 10).

Esta pesquisa partiu da seguinte questão: que práticas pedagógicas de leitura de textos literários na alfabetização eram sugeridas na Revista do Ensino/RS entre os anos 1972 e 1974? A partir desse problema, analisou-se 09 exemplares da Revista do Ensino/RS, tratados conforme a metodologia de análise de conteúdo, inspirada em Bardin (2011).

Como resultados, em relação à leitura de textos, percebeu-se a predominância de textos literários. Nas práticas relacionadas a esses textos, em síntese, o livro aparece com grande valor para a realização da leitura desse tipo de texto, embora a Revista também se preocupe em fornecer em suas páginas um repertório de lendas, poesias e histórias narrativas para que as professoras utilizem em sala de aula.

Analisando as recomendações da Revista do Ensino/RS para as práticas escolares da leitura na alfabetização, não se percebeu a vinculação destas ao uso de cartilhas, embora eventualmente tenha aparecido anúncios de editoras para comercialização desses materiais. A vinculação entre leitura e cartilhas na alfabetização nas Revistas do Ensino/RS era uma das hipóteses presentes no início da pesquisa, o que não se confirmou.

Contrariamente a essa hipótese, o acervo analisado mostrou que a Revista do Ensino/RS publicizou continuamente, entre 1972 e 1974, práticas de leitura de textos literários. Além disso, a própria Revista do Ensino/RS servia como suporte para a circulação de textos para uso didático do professor em sala de aula, fornecendo de forma impressa poemas, lendas, contos e letras de músicas com partitura.

Os textos não são apresentados como específicos apenas para a alfabetização, podendo inferir-se a sua associação conforme o conteúdo do texto associado; no entanto, destaca-se que muitos dos textos aqui analisados também podem ter se destinado à docência nos Anos Iniciais e não apenas na alfabetização.

Reparou-se que textos não literários apareceram muito pouco nos exemplares analisados, com uma ou outra ocorrência de sugestão de leitura de revista, enciclopédia e dicionário em sala de aula.

A relevância da pesquisa realizada está em mostrar uma pequena janela que questiona alguns clichês que estabelecemos para narrar a história das práticas em alfabetização, como o predomínio dos textos de cartilhas até a circulação de obras como a "Psicogênese da língua escrita" (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985). Os dados aqui apresentados mostram um cenário em que alguns discursos já pareciam minar a concepção de língua que dava sentido ao uso didático de textos das cartilhas e da leitura de textos literários clássicos e de linguagem rebuscada. O que se mostrou foi a predominância do uso utilitário e tecnicista de uma variedade de textos literários com finalidades como divulgar repertório regional gaúcho, festas católicas do calendário nacional, símbolos e políticas nacionais do contexto da ditadura civil-militar vivida na década de 1970 no país.

Como afirma Bastos (2016) na epígrafe desta seção, analisar a imprensa periódica em perspectiva histórica permite perceber o imaginário de uma época. Em síntese, este trabalho procurou contribuir para pensar sobre os usos dos textos literários na alfabetização nas escolas gaúchas na década de 1970.

Este trabalho abre possibilidades para pesquisas futuras, que possam, por exemplo, entrevistar professoras que foram leitoras da Revista do Ensino/RS ou estabelecer paralelos entre os discursos formativos para a alfabetização desse periódico e de outros de grande circulação atualmente, como a revista Nova Escola.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso (1952-1953). In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS, Maria Helena Câmara. A imprensa de educação e ensino: observatório da formação docente e discente (Brasil, 1950-1980). **Archivos de Ciencias de la Educación**, La Plata, n. 10, p. 1-14, 2016. Disponível em: <http://www.archivosdeciencias.fahce.unlp.edu.ar/article/view/Archivose003> Acesso em: 20 maio 2019.

BRITTO, Luiz Percival de Leme. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, João Wanderley *et al*(Orgs.). **O texto na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006. P. 127-131.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU**. São Paulo: Scipione, 1999.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. **Texto & Contexto**, Florianópolis, v. 15, p. 679-684, out./dez, 2006.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1985.

GERALDI, João Wanderley *et al* (Orgs.). **O texto na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

GERALDI, Wanderley. Escrita, uso da escrita e avaliação. In: GERALDI, João Wanderley *et al*(Orgs.). **O texto na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006. P. 127-131.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. O texto na sala de aula: uma revolução conceitual na história do ensino de língua e literatura no Brasil. In: SILVA, Lilian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Orgs.). **O texto na sala de aula: um clássico sobre ensino de língua portuguesa**. Campinas: Autores Associados, 2014. P. 05-28.

PERES, Eliane Teresinha; VAHL, Monica Maciel. 'Saneamento' da literatura infanto-juvenil: o esforço do CPOE e da Revista do Ensino (RS). **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 8, n. 2, p. 137-153, jul./dez. 2015.

REVISTA DO ENSINO/RS; Exemplares de 1972-1974. Repositório Digital Tatu, da Universidade Federal do Pampa. Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/>

RIGOTTO, Márcia Elisa; SOUZA, Nali de Jesus. Evolução da educação no Brasil, 1970-2003. **Análise**, Porto Alegre v. 16, n. 2, p. 351-375 ago./dez. 2005.

ROJO, Roxane. **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: ZACCUR, Edwiges (Org.). **A magia da linguagem**. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 1999. P. 49-73

TFOUNI, Leda Veridiane. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. São Paulo: Pontes, 1988.

UNIPAMPA. **Repositório Digital Tatu**. Disponível em: <http://sistemas.bage.unipampa.edu.br/tatu/>. Acesso em: 10 maio 2019.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.